

UMA SEGUNDA CARTA A MALATESTA RESPOSTA A “RESPOSTA A MAKHNO”

Nestor Makhno

Estimado companheiro,

Queria ler a tradução do russo de sua carta antes de responder-lhe. Em sua carta, você diz que, antes de entrar em uma discussão, no que, por outra parte, não havia pensado, você gostaria de saber qual é minha concepção de anarquismo. Portanto vou lhe explicar essas ideias e, ao mesmo tempo, as causas às quais atribuo a debilidade de nosso movimento.

Como qualquer anarquista, rechaço a autoridade em geral, sou um adversário de toda a organização baseada no centralismo, não reconheço nem o Estado nem seu aparato legislativo, sou um inimigo convencido da democracia burguesa e do parlamentarismo – considerando esta forma social um obstáculo para a liberação dos trabalhadores; em outras palavras, me levanto contra qualquer regime baseado na exploração dos trabalhadores.

Para mim, o anarquismo é uma doutrina social revolucionária que deve inspirar os explorados e os oprimidos. Entretanto, na minha opinião, o anarquismo atualmente não possui todos os meios necessários para levar a cabo uma ação social; daí o marasmo em que nós nos encontramos. E nós não seremos capazes de remediar essa situação permanecendo como estamos agora.

Podemos entender como quisermos; no meu caso, creio que os anarquistas não devem temer abandonar suas posições tradicionais ao tirar as conclusões lógicas que derivam do pensamento de nossos teóricos. Por exemplo, uma questão surge. Necessita o anarquismo – e, portanto, a massa de trabalhadores revolucionários – conceber organizações permanentes que possam garantir as funções sociais úteis que o Estado assume hoje, organizações que devem ser ferramentas para estabelecer políticas práticas em consonância com o ideal anarquista? Ou esse é o papel dos sindicatos dos trabalhadores e cooperativas agrárias, ou de outras organizações que, em sua forma atual, são influenciadas ideologicamente pelos grupos de ação anarquistas que existem hoje?

Estou inclinado a crer que, uma vez resolvida pelos anarquistas essa questão primordial, outros problemas de igual importância se apresentarão a nosso movimento.

Em particular, os anarquistas devem compreender totalmente o que Kropotkin expressava como a “instituição social de direito fundado no costume” para determinar, de modo concreto e adequado em nossos tempos, a natureza dessas instituições, cuja relação com o anarquismo necessita ser comprovada.

Essas deduções serão de máxima importância, não só para as massas revolucionárias em geral, mas também para os anarquistas em particular, e não vamos nos esquecer que 90% de nós nunca considerou essas questões. Uma vez que, nem Malatesta, nem Faure, nem outro entre nossos velhos companheiros abordaram esses problemas, e que eles nada dizem sobre o deplorável estado de nosso movimento, esses companheiros deduzem que tudo está bem e que os anarquistas estão preparados para cumprir seu indispensável papel destrutivo e construtivo na revolução do futuro.

Entretanto, a realidade é totalmente diferente: ano após ano nosso movimento perde mais e mais influência entre os trabalhadores e, conseqüentemente, se debilita. É verdade que certos teóricos “em nossos meios russos em particular dizem que a força do anarquismo reside em sua debilidade, e sua debilidade em sua força”, de modo que não há que se preocupar se as organizações anarquistas perdem influência...

Mas examinada mais de perto, se vê que essa afirmação é inteiramente estúpida, é simplesmente uma fórmula evasiva, desenhada para acalmar os charlatães quando se trata de explicar o estado real do anarquismo.

Creio que um verdadeiro movimento social, tal como concebo o anarquismo, não pode ter políticas positivas até que tenha se dotado de formas organizativas relativamente estáveis, as quais o darão os variados meios necessários para a luta contra os distintos sistemas sociais autoritários. A ausência desses meios faz com que a ação anarquista – sobretudo no período revolucionário – tenda a degenerar, em uma sorte de individualismo local; tudo isso porque, ao declararem-se inimigos de “todas as constituições”, os anarquistas em geral veem as grandes massas afastarem-se deles, por não inspirar nenhum tipo de esperança de realização prática.

A fim de lutar e vencer, precisamos de táticas cuja natureza deve ser expressa em um programa de ação prática.

Somente quando tiverem tal programa, os anarquistas poderão reunir as massas exploradas ao seu redor e prepará-las para a grande batalha revolucionária, com grandes chances de alcançar a transformação social radical.

Mas, reitero, isso não pode ser feito sem uma organização permanente. Crer que os grupos de propaganda atuais alcançarão esta tarefa revolucionária é uma ilusão. Para que qualquer organização social possa cumprir um papel, ela deve ser conhecida pelas massas populares antes que se desencadeie o processo revolucionário.

Assim, penso que, em vez de se perder tempo rechaçando tudo à esquerda e à direita, os anarquistas estariam melhor ocupados definindo o que querem, e propondo aos trabalhadores algo realista para colocar no lugar de tudo aquilo que negam.

Então, e só então, os anarquistas poderão aspirar com boas razões a tarefa que se atribuem, isto é, a de ser “guardiões vigilantes da liberdade contra quem busca o poder e contra a tirania da maioria que poderia surgir”.

Desafortunadamente, na atualidade, o anarquismo segue sendo forte só em sua filosofia. Carece de meios práticos. É incapaz de manifestar-se completamente, inclusive em tempos revolucionários, e aqueles movimentos espontâneos com espírito anarquista que surgem, aos olhos das amplas massas parecem meras tentativas desesperadas. E isso só acentua a trágica situação do anarquismo.

Você me pergunta se concebo como você o papel dos anarquistas antes e durante a revolução, tal como estabelecido em sua resposta. A título de resposta, eu diria que estou em total acordo com você, no que diz respeito ao papel a ser cumprido. Mas creio que esse papel só pode ser desempenhado com sucesso quando nosso partido é ideologicamente homogêneo e unificado em termos de tática, algo que não ocorre no momento. A experiência nos ensina que a ação anarquista em grande escala só pode alcançar resultados se contar com uma base organizativa bem definida, inspirada e guiada pelo princípio da responsabilidade coletiva dos militantes.

“Como você quer orientar as massas?”, você me pergunta. Em resposta, digo que durante o curso dos eventos, todo movimento social – especialmente todo movimento revolucionário composto por amplas massas populares – é chamado a formular, durante a ação, propostas adequadas para impulsioná-lo rumo ao objetivo pretendido. A massa é demasiado heterogênea para ser capaz de fazê-lo. Apenas grupos ideológicos com políticas claramente definidas são capazes de dar esse impulso. Só eles serão capazes de aclarar os eventos e formular claramente as aspirações inconscientes das massas, dando o exemplo mediante ações e palavras. Por isso, nosso partido deve, na minha opinião, definir sua unidade política e seu caráter organizativo. No âmbito das realizações práticas, os grupos anarquistas autônomos devem ser capazes, diante de toda situação

nova que surgir, de estabelecer os problemas a serem resolvidos e as respostas a serem dadas, sem titubear e sem alterar os fins e o espírito do anarquismo.

Com fraternais saudações,

Nestor Makhno, 1930

Dados técnicos:

- * Este texto foi publicado em *Le Libertaire*, de 9 de agosto de 1930.
- * Tradução do francês ao espanhol por Editorial Hijos del Pueblo e Frank Mintz, e do francês ao inglês por Nestor McNab; tradução do espanhol e do inglês ao português por Rafael Viana da Silva.
- * Revisão de Felipe Corrêa.